



ALMIR LEMOS
TERRAVIVA



Abertura **20 de março**
Quinta-feira, **às 18h**
Período **até 22 de abril de 2025**

O barro em que pisamos traz as memórias
da terra pisada pelo povo negro, das travessias
e dos artefatos cerâmicos que vieram do outro lado
do Atlântico, onde a barraria é algo muito sagrado.
Falar do barro é falar da vida e da morte.

Mãe Celina de Xangô
Saber onde pisar





S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 41 x 41 cm



Xangô | Série Orixás | 2024
cerâmica • 30 x 36 cm

A obra de Almir Lemos demonstra de maneira exemplar como as tradições são terrenos perenes, campo de constante negociação e permanente transformação. Oriundo de uma família de trabalhadores do barro, de Maragogipinho, distrito do município de Aratuípe, no Recôncavo Baiano, conhecido por sua centenária produção cerâmica, Lemos conheceu desde cedo todos os estágios do ofício — da coleta do barro até a queima, passando pela pisa dos “amassadores”, pelas mãos dos “empeladores” e pela habilidade dos mestres do torno. Cada etapa do trabalho constitui, portanto, um elo de uma longa cadeia de transmissão de conhecimentos adquiridos empiricamente. Acumulados e preservados no encontro da mão com a terra, esses saberes mantêm candente a vitalidade das práticas culturais afro-indígenas, asseguram a qualidade artesanal da peça e garantem a movimentação da economia local.



Das olarias e oficinas de Maragogipinho saem potes, moringas e quartinhas, copos, panelas e talhas — além de objetos decorativos, como o icônico boi-bilha — que percorrerão os cerca de 227 km que o separam de Salvador, onde são vendidos na Feira de São Joaquim. O processo criativo de Almir Lemos, no entanto, deriva e se desprende de toda a tradição da cidade: ao dispensar o torno, optando pela modelagem estática, e, sobretudo, ao renunciar ao forno, deixando que a peça seque naturalmente, suas obras adquirem texturas menos homogêneas e configurações menos conformadas aos padrões utilitários já estabelecidos e esperados pelos consumidores. Cada objeto adquire personalidade, singularidade e aspecto único, reorganizando a cadeia produtiva do artesanato praticado em Maragogipinho e introduzindo nessa tradição longeva uma forma original de ver, perceber e trabalhar o barro.

Terra Viva, primeira individual de Almir Lemos, apresenta um conjunto significativo de peças inéditas que nos permite vislumbrar, nas irregularidades e no multicolorido do barro cru, a força telúrica da matéria preservada pelo abandono do forno. Se, do ponto de vista técnico, a renúncia do fogo implica uma mudança importante no uso prático da peça, que resultará mais porosa e menos resistente à água, por exemplo, do ponto de vista hermenêutico esse gesto tem implicações mais profundas. Em diversas culturas, a queima da cerâmica, assim como o manejo do ferro, constitui a prova mais contundente (e ancestral) do mito do roubo do fogo, que narra o domínio do fogo primitivo, promovendo a passagem da natureza à cultura e catalisando o nascimento da técnica¹. Não por acaso, as artes do fogo, ligadas à cozinha e à

1 | Ver: Alberto Mussa. *A origem da espécie: o mito do roubo do fogo e a noção de humanidade*. Rio de Janeiro: Record, 2021.



cerâmica, são, em diversas culturas, investidas da noção de combate cósmico, para o qual o fogo roubado dos deuses e colocado à serviço dos humanos constitui um atenuante do perigo de deflagração do caos. O ceramista e os produtos de sua indústria desempenhariam, portanto, um papel mediador entre as forças celestes e as forças terrestres², isto é, entre os deuses, detentores originais do fogo, e os humanos, que aprenderam o segredo de sua manipulação. A decisão artística de abandonar a queima da cerâmica significa, portanto, dissociar o trabalho com o barro dessa matriz mítica, associada à organização do conhecimento e ao domínio do homem sobre a natureza, para se vincular, por assim dizer, a uma outra tradição para a qual a relação entre humanidade e natureza não se estabelece pela disputa e pelo combate cósmico, mas, ao contrário, pela transferência de energia vital, o axé, e pelo encantamento das coisas existentes, o orixá.

2 | Claude Lévi-Strauss. *A oleira ciumenta*. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., 1986, pp. 19-20.



Ponto de Oxalá | Série Orixás | 2025
argila • 60 x 50 x 50 cm

A vitalidade inerente ao barro cru, preservado pelas mãos de Almir Lemos, provém da lama que Nanã, senhora das águas turvas, da lama e do lodo, fornece à Oxalá, criador de todas as coisas, para modelar o ser humano, sobre o qual ele bafeja seu hálito sagrado e lhe dá o sopro da vida. O barro de Lemos, depois de modelado, seca exposto ao sol e ao vento: nesse processo, a quentura, que pertence à Omo-lu, senhor da terra e da cura, se alia ao vento de Oyá, que comanda também as tempestades e os trovões. O saber da técnica se faz vivo através de Ogum, a tecnologia encarnada, a transformação aspectual da matéria, a lâmina afiada. Nada, porém, acontece sem a paciência, sem o tempo lento da espera, que é Iroko, a árvore sagrada que liga a terra profunda ao céu mais longínquo, a escada, o acesso de um estado da matéria a outro. Com o abandono do torno e do forno, é o tempo que se incumbe de irrigar de vida o barro, mantendo a terra próxima de suas origens, preservando suas moléculas e sua estrutura cristalina da inversão sílica que transforma, na alta temperatura, o barro em cerâmica. Assim, desviando da tradição de Maragogipinho, que produz utensílios cerâmicos utilizados sobretudo pelos terreiros de Salvador, Lemos reencontra a cultura dos terreiros ao devolver a prática da cerâmica às suas origens, preservando na própria matéria a presença viva do Orixá. As peças não apenas servem à prática religiosa, mas integram, elas próprias, o axé.

À operação complexa de se dissociar da historicidade da cerâmica pela dispensa do torno e do fogo, recorrendo ao uso da matéria crua como reservatório do axé do barro, somam-se ainda suas invenções formais. De onde vêm essas formas? Nos recipientes tradicionais — moringas, porrões e talhas, por exemplo —, cada parte da peça atende à função

a que o objeto é destinado na vida prática. Nesses casos, o elemento decorativo se manifesta, em geral, na pintura floral, realizada em caligrafia sinuosa, no contraste do branco sobre o fundo terracota, também tradicional na cidade. Ocorre que Lemos atribui às suas peças elementos zoomórficos, muitas vezes humanoides, no limiar entre o animal, o vegetal e o protozoário, como numa trapaça entre o microscópico e o agigantado, que nos chama atenção para outras manifestações da vida, para além daquelas que nossos olhos conseguem ver e nossa mente classificar. A natureza híbrida das obras produzidas pelo Lemos, mais do que ser a expressão da liberdade plástica de um artista pouco conformado aos padrões, traduz a zona de Apicum, brejo de água salgada, de solo arenoso entre o mangue e a terra firme, estado em que a forma não se define por completo, favorecendo a abundância da vida. Esse estado permanentemente transicional de suas quase figuras, nunca de todo utilitárias, nunca de todo decorativas, é reforçado, ainda, pela adição de materiais complementares — palha, piaçava, contas —, que evocam algo elementar: ídolos pré-históricos, amuletos, esculturas erodidas pelo tempo, figuras imemoriais cuja origem parece evocar o que não conseguimos lembrar com clareza. Cada uma dessas peças constitui, portanto, um ser individual, subjetivo, cheio de personalidade, que amalgama, em sua materialidade, a energia vital do modo como foi produzido (sem prejuízo do calor) e da forma física que tomou.

Renato Menezes

Historiador da arte e curador



Ponto de Exu | Série Orixás | 2025
argila, ferro, piaçava e búzios do mar • 111 x 60 x 56 cm



Porrão de Oxóssi | Série Orixás | 2025

argila, semente de árvore do apicum e capim da mata • 111 x 60 x 56 cm





Oxum | Série Orixás | 2024
cerâmica • 48 x 45 cm



Exu | Série Orixás | 2024
cerâmica • 112 x 47 x 40 cm



Exu | Série Orixás | 2024
cerâmica • 112 x 47 x 40 cm





Chaleira de Xangô | Série Orixás | 2024
cerâmica • 37 x 42 x 21 cm



Pote de Nanã | Série Orixás | 2024
cerâmica • 50 x Ø 27 cm



Machados de Xangô | Série Orixás | 2024
cerâmica • 70 x 53 x 36 cm



Oxalá | Série Orixás | 2024
cerâmica • 77 x 43 x 43 cm



Águas de Oxalá | Série Orixás | 2024
cerâmica • 75 x 50 x 40 cm



S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 48 x 42 x 34 cm





Totem Preto Velho | Série Orixás | 2025
cerâmica • 104 x 20 x 20 cm





Totem Zé Pilintra | Série Orixás | 2025
cerâmica • 151 x 20 x 20 cm



Caboclo Saravá | Série Orixás | 2025

argila, madeira, ferro, palha da costa e búzios do mar

180 x 20 x 20 cm





Maculelê | Série Orixás | 2025

argila, ferro, palha da costa e búzios do mar

197 x 20 x 25,5 cm





S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 43 x 27 x 43 cm





Porrão para orixá de cabeça | Série Orixás | 2024
cerâmica • 60 x 35 cm



Erê | Série Orixás | 2024
cerâmica • 48 x 36 x 26 cm



S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 32 x 42 x 51 cm

S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 35 x 46 x 32 cm





S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 59 x 44 x 41 cm



Iroko | Série Orixás | 2025
cerâmica • 131 x 40 x 40 cm

S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 50 x 45 x 37 cm





S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 60 x 51 x 27 cm



S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 53 x 32 x 32 cm





S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 63 x 57 x 25 cm



Oxumaré | Série Orixás | 2025
argila • 80 x 40 x 30 cm





S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 41 x 40 cm

S/ título | Série Orixás | 2024
cerâmica • 36 x 47 x 39 cm





Porrão de Xangô | Série Orixás | 2024
cerâmica • 61 x 44 cm



Moringa de Oxaguiã | Série Orixás | 2025
cerâmica • 70 x 34 cm



Moringa de Iansã | Série Orixás | 2025
cerâmica • 71 x 40 cm



Jarra para lemanjá | Série Orixás | 2025
cerâmica • 40 x 30 x 34 cm



Pote de Exu | Série Orixás | 2025
cerâmica • 31 x 26 x 35 cm



Caboclo das Sete Encruzilhadas | Série Orixás | 2025
cerâmica • 48,5 x 30 cm



Cabocla Jurema | Série Orixás | 2025
cerâmica • 53 x 35 x 26 cm



Moringa de Obaluaê | Série Orixás | 2025
cerâmica • 46 x 29 x 35 cm



Moringa mabaço | Série Orixás | 2025
cerâmica • 48 x 47 x 30 cm

Pote de Omulu | Série Orixás | 2025
cerâmica • 42 x 31 x 38 cm





Jarra de pedidos para Exu | Série Orixás | 2025

cerâmica • 29 x 11 x 8 cm



Pote de Iansã | Série Orixás | 2025
argila, ferro, palha da Costa, búzios do mar
70 x 43 x 43 cm





Iba de Xangô | Série Orixás | 2023
argila. ferro. corda de sisal. piaçava. madeira
87 x 40 x 35 cm • Base 81 x 40 x 40 cm



Oxumare | Série Orixás | 2025
cerâmica • 86 x 60 x 26 cm



Nanã | Série Orixás | 2025
cerâmica • 102 x 43 x 32 cm



Obaluaê | Série Orixás | 2025
cerâmica • 106 x 43 x 32 cm



Cabeça de lansã | Série Orixás | 2025
cerâmica • 34 x 29 x 29 cm





Talha de Exu | Série Orixás | 2025
cerâmica • 55 x 26 x 26 cm

Bilha de Ogum | Série Orixás | 2025
cerâmica • 37 x 47 x 24 cm





Exu gira mundo | Série Orixás | 2025
cerâmica • 132 x 40 x 45 cm



Oxaguiã | Série Orixás | 2025
cerâmica • 94 x 70 x 70 cm



Exu sete encruzilhadas | Série Orixás | 2025
cerâmica • 140 x 40 x 40 cm





Exu bará | Série Orixás | 2025
cerâmica • 134 x 40 x 40 cm



Exu do Lodo | Série Orixás | 2025
cerâmica • 130 x 40 x 40 cm





Exu Caveira | Série Orixás | 2025
cerâmica • 138 x 40 x 40 cm



Ibá de sete orixás (Oxalá Iemanjá Nanã Ogum Xangô Obaluaê Oxum) | 2025
cerâmica • 117 x 37 x 37 cm



Oxalá | Série Orixás | 2025
cerâmica • 200 x 90 x 70 cm



Oxum | Série Orixás | 2025
cerâmica • 200 x 70 x 55 cm



Ossaim | Série Orixás | 2025
cerâmica • 140 x 50 x 45 cm



ALMIR LEMOS vive e trabalha em Maragogipinho, localidade que integra Aratuípe, no município de Nazaré das Farinhas, no Recôncavo Baiano.



Coordenação

Paulo Darzé e Thais Darzé

Texto

Renato Menezes

Fotografias das obras

Márcio Lima

Fotografias do artista e processo criativo

Renan Benedito

Produção executiva

Cica Lima

Patricia Nunes

Patricia Ribeiro

Restauração e manutenção do acervo

Ednei Queiroz

Montagem

Alex Sandro Almeida Oliveira

Antonio Jorge Reis dos Santos Júnior

Jenivaldo Jesus dos Santos

Projeto gráfico e diagramação

P55 Edição

Assessoria e revisão

Claudius Portugal



www.paulodarzegaleria.com.br

 [@paulodarzegaleria](https://www.instagram.com/paulodarzegaleria)

Rua Dr. Chrysippo de Aguiar, 8. Corredor da Vitória – Salvador, Bahia

55 71 3267-0930 / 99918-6205